



11º Simpósio de Ensino de Graduação

EXPERIMENTAÇÃO ANIMAL PARA QUÊ?

Autor(es)

RAÍSSA DE CAMPOS LEITE ADLER
ELISABETE REGINA FRANCISCO
NALIGHIA MARIANA CORDOVA
MAYKON VIEIRA DE ARAÚJO

Orientador(es)

VICTOR AUGUSTO FORTI

Resumo Simplificado

A experimentação animal engloba toda e qualquer prática na qual sejam utilizados animais, tratando-se de procedimentos cirúrgicos, invasivo ou não, sendo para fins didáticos ou de pesquisa. A vivissecção é englobada na experimentação e costuma ocorrer nas faculdades de medicina, veterinária, biologia, odontologia e tantas outras ciências, onde para ensinar são utilizados animais vivos. Porém, muitos pesquisadores e professores tem se mostrado contrários a esta prática por considerá-la prejudicial à formação dos futuros profissionais, tornando-os insensíveis e incompreensíveis com relação à dor e ao sofrimento alheio. Assim, o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento bibliográfico sobre experimentação animal, principalmente nas aulas de ensino de biologia, e avaliar as alternativas de substituição desta técnica. Realizou-se pesquisa bibliográfica sobre o assunto em livros e periódicos da área, atentando-se às argumentações de trabalhos elaborados por diversos autores. A seguir, estas informações foram compiladas com o intuito de apresentar alternativas para a prática da vivissecção. De acordo com o levantamento, observou-se que as práticas com animais vivos em laboratórios já podem ser realizadas utilizando-se de alternativas, como por exemplo, utilização de modelos computadorizados simulando a realidade, manequins, vídeos interativos, acompanhamento clínico em pacientes reais, autoexperimentação não invasiva, estudo anatômico em animais mortos por causas naturais, micro-organismos in vitro e acompanhamento, por meio de observação, de profissionais em atividade. A Ciência vem se utilizando de métodos cada vez mais elaborados para que possa se estabelecer na sociedade como verdade irrefutável. Porém, alguns dos métodos utilizados há décadas se tornaram ultrapassados, não condizentes com as descobertas que foram realizadas ao longo dos anos. Como é o caso da experimentação animal que continua a ser altamente reproduzida, tanto em universidades para fins didáticos e industrialmente para testes de segurança, quanto em pesquisas científicas. Contudo, as práticas com animais, não se mostram amplamente eficiente em pesquisas de segurança, por já haver sido comprovada a não compatibilidade de resultados em diferentes espécies de animais. No que se refere ao ensino, há métodos totalmente eficientes, como a cultura in vitro de tecidos humanos, em que se realizam testes toxicológicos, de rejeição de tecidos, produção de vacinas, sem submeter os animais ao sofrimento. Muitos autores afirmam que esse método oferece confiabilidade de resultados muito maior que a experimentação animal. Conclui-se, portanto, que a experimentação animal é desnecessária, podendo até mesmo ser perigosa e prejudicial à saúde e segurança humana, fazendo-se necessária a conscientização dos próprios estudantes (futuros profissionais) e cientistas para que possa ocorrer a substituição destas práticas por outras, como por exemplo, gravar vídeos de aula com um animal para evitar sacrificar outros, utilizar-se de modelos computadorizados e softwares em que se pode simular dissecações e modelos tridimensionais detalhados.